

“Os retirantes” de Cândido Portinari: o esforço para ser humano é o que nos torna vivos

Cleuza Mara Lourenço Perrini*

Porque o que é bonito é o que captamos enquanto passa.
 É a configuração efêmera das coisas no momento
 em que vivemos ao mesmo tempo a beleza e a morte.
 Ai, ai, ai, pensei, será que isso quer dizer que é assim que
 temos de viver a vida? Sempre em equilíbrio entre
 a beleza e a morte, o violento e seu desaparecimento?
 Estar vivo talvez seja isto: espreitar
 os instantes que morrem.
 (Muriel Barbery, 2008, p. 293)

Perda e recuperação

Em tempos onde os imigrantes são considerados *persona non grata* em quase todo o mundo, nunca Portinari esteve tão atual na sua arte de “Os retirantes”.

Todos nós somos retirantes após a cesura do nascimento, quando excluídos pisamos nesta terra pós-mundo uterino. Seremos eternos imigrantes em busca da terra prometida.

Nos estados primitivos da mente, os processos de (des)integração são caracterizados por experiências recorrentes de perda e recuperação (Klein, 1957/2006). O sentimento de “estar perdido” é equivalente ao medo da morte. A perda do objeto externo, como a pátria mãe, o chão que habita e é habitado, desempenha um papel na solidão ao longo da vida. A dor que acompanha os processos de integração contribui também para a solidão, intensificada na vivência da posição depressiva. Junto à desintegração, ao aniquilamento e à cisão, existe desde o início da vida humana à natural tendência à integração.

Se nos remontarmos aos primórdios da espécie e ao nosso parentesco com os peixes, tão bem expresso por Ferenczi em *Thalassa* (1924/2011), proponho que Portinari retrata a saída da vida intrauterina, em parte pelo conhecimento filogenético inconsciente de descendermos de vertebrados aquáticos e que nos denomina retirantes. A tela expressa essa dor da passagem da vida aquática para a seca paisagem, nos obrigando à

1 Trabalho apresentado no xxvi Congresso de Psicanálise “Morte e Vida – Novas Configurações”, em Fortaleza, novembro de 2017, e no III Fórum Psicanalítico de Curitiba do Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC), em agosto de 2018.

* Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e membro fundador e efetivo com função didática do GPC.

sobrevivência e à adaptação a uma vida terrestre que exige respirabilidade através dos nossos próprios pulmões.

Nesse sentido, o simbolismo marinho da mãe possui um caráter mais arcaico, mais primitivo, ao passo que o simbolismo da terra reproduz aquele período mais tardio em que o peixe, lançado à terra em consequência da secagem dos mares, tinha de se contentar com a água que se filtrava desde as profundezas do subsolo (o qual, ao mesmo tempo, o alimentava). (Ferenczi, 1924/2011, p. 317)

Avento que Portinari, ao pintar uma família pródiga com seis filhos, retrata a fertilidade do casal, algo como uma busca talâmica do mundo intrauterino vivido através da relação sexual. Esse “retorno temporário” (Ferenczi, 1924/2011) ao seio materno, a repetição dos perigos inerentes ao nascimento, a luta e a adaptação à vida nos entenece em sua pintura. O coito se encarrega por si só da satisfação do corpo, de amenizar os traumas vividos no decorrer da própria existência humana, com potência e superação. Os retirantes passam a ser a expressão da luta ancestral humana após a “catástrofe da seca” – vida extrauterina, vida severina.

A posse de verdadeiros órgãos genitais, o desenvolvimento no interior do corpo materno e a sobrevivência à grande catástrofe da seca dos oceanos constituem, portanto, uma entidade biológica inseparável; poder-se-ia ver nisso a causa fundamental da identidade simbólica que existe entre o ventre materno, o oceano e a terra, por uma parte, entre o membro viril, a criança e o peixe, por outra. (Ferenczi, 1924/2011, p. 319)

O sentimento de morte

“O esforço de se tornar humano está entre as poucas coisas da vida humana que pode ser mais importante para a pessoa do que a sobrevivência” (Ogden, 2013, p. 31).

O material psicanalítico corrobora para nos apontar essa busca incessante.

M: “Meu marido me matou ao me trair, acabou com tudo que tínhamos, sou uma morta. Me libere das

sessões, basta uma por semana...”, me diz Maria.

C: “Do que você espera se liberar?”

M: “Dessa dor” (e aperta o peito constricta).

C: “Então você está viva... sofrendo muito, muito!

E estou aqui com você nesta dor.”

M: “Eu estou doente... em pedaços... e para esse mal não há cura... queria apagar tudo... acreditar que nada disso aconteceu comigo...”

A lua cheia e os corvos

Os retirantes, ocupantes do espaço todo da tela, mal nos permitem notar a lua cheia e escura e a profusão de corvos no céu, em vez de estrelas.

A lua cheia, comumente associada à anunciação de tempos de loucura no homem e uivos nos animais, também “corresponde à Grande Mãe”. A lua que resplandece no céu era vivida na Antiguidade como sinal de plenitude e fertilidade, benéfica para toda a natureza e especialmente fecunda para a psique feminina. Quando a lua concluía a última fase e desaparecia, “realizava-se a dramática Lua Negra, a ausente, passando a ser o demônio da obscuridade” (Sicuteri, 1986 p. 61). Proponho assim que a lua negra de Portinari revela, na tela, a obscuridade da vida sofrida, tão difícil de ser dita em palavras, quanto de a vermos desenhada.

O corvo simboliza a morte, a solidão, o azar, o mal presságio. Por outro lado, pode simbolizar a astúcia, a cura, a sabedoria, a fertilidade, a esperança. Essa ave está associada ao profano, à magia, à bruxaria e à metamorfose.

É recente a associação do corvo com o mau agouro, a morte, o azar. Entretanto muitas culturas acreditam que essa ave mística simboliza aspectos positivos, como por exemplo, para os ameríndios simboliza a criatividade e o sol; para os chineses e japoneses o corvo simboliza a gratidão, o amor familiar, o mensageiro divino que representa o bom presságio².

Em algumas tradições africanas e nativas americanas, o corvo é um guia benevolente cuja visão aguçada lhe permite enviar alertas aos vivos e que também orienta os mortos em sua jornada final.

2 *Dicionário de símbolos*. Recuperado do Dicionário de símbolos: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/corvo>.

Dá para acreditar que essas aves, essa lua negra (Sicuteri, 1986), podem ser reveladoras da luz, do sol e do renascimento?

É possível considerar que uma traição conjugal é capaz de anunciar novos ventos em uma relação falida, primeiramente consigo mesma, cindida, em pedaços? São 33 corvos e novesobreviventes em pinturas triangulares, influência de Picasso sobre Portinari, que ficou impressionado com a “Guernica”. As pessoas dispostas em três: avô, neta e neto; mãe bebê e outro filho; pai, filha e filho e a barriga evidenciando uma nova gravidez. Pessoas férteis e famintas. Olhos que não enxergam... ou veem tudo. É a luta dos retirantes por um mundo novo. Sozinhos, profundamente sós, em terreno árido de água e de semelhantes. O silêncio dos retirantes expressa o anseio insatisfeito pela busca de uma compreensão sem palavras, alimentando ainda mais o sentimento de solidão, por não encontrarem mais a relação primeira (habitualmente a mãe), quando o contato íntimo de inconsciente para inconsciente era também sem palavras.

Reunir-se em um lugar para se tornar inteiro

Poderíamos dizer que Portinari agrupa a família em um *holding* físico para dar a dimensão do emocional em curso e acolher, como Winnicott aponta, mencionado por Ogden (2013), a dor dos retirantes, reunindo-os em um lugar para os tornar inteiros. Os retirantes podem assim, nessa experiência comunicada como um fenômeno transicional, ser uma faceta do processo de internalização da função materna de sustentar uma situação emocional no tempo. Essa área entre a fantasia e a realidade, apontada por Winnicott como a raiz do simbolismo no tempo e na vida experienciada, Portinari permite que a vivenciamos como um processo de internalização do ambiente agreste e árido e das relações humanas quando se sustentam a partir do real interno e externo. E “o espaço mental e a capacidade de pensar são criados pela estrutura que permite separação e ligação entre objetos internos e self e outros, ao invés de fusão ou fragmentação” (Breen, 1996, p.105).

Se é viável pensarmos que o reunir pode significar “tornar-se inteiro”, a pintura de Portinari, bem como meu encontro com a paciente, que disse “para o meu mal não há cura”, me evocam a cura como possibilidade. A palavra cura vem da raiz latina *cura* (Cunha, 1986, p. 234), cuidado. E cuidar se origina de *cogitare* (Ferenczi, 1924/2011), cogitar, imaginar, pensar, tratar de, dar atenção a, ter cuidado com...

Partilho a música “A cura”, do Lulu Santos, que emergiu na sessão com a paciente supracitada, em que a letra trouxe novos significados ao nosso caminhar psicanalítico.

A CURA

Existirá
Em todo porto tremulará
A velha bandeira da vida
Acenderá
Todo farol iluminará
Uma ponta de esperança

E se virá
Será quando menos se esperar
Da onde ninguém imagina
Demolirá
Toda certeza vã
Não sobrará
Pedra sobre pedra
Enquanto isso
Não nos custa insistir
Na questão do desejo
Não deixar se extinguir
Desafiando de vez a noção
Na qual se crê
Que o inferno é aqui

Existirá
E toda raça então experimentará
Para todo mal, a cura

Na última estrofe da melodia que canta – para todo mal, a cura –, o “a” não é com “h”, de existir. Conjecturamos, Maria e eu, que para todo mal há a possibilidade do cuidado humano. E, ao invés do afastamento pedido através da diminuição do número de sessões, cogitamos (de onde se origina a palavra cuidar) que a confirmação deste asseguraria sua falência e seu desfazimento como pessoa inteira. Nossa caminhada continua. Recentemente, com maior número de sessões, temos dado vazão aos seus pesadelos prenhes de maus agouros, até então revestidos por uma pseudosseguença expressa no seu modo de ser autoritário, “manda quem pode, obedece quem tem juízo”, tanto no

trabalho como em suas relações afetivas. Esse modo opressivo e opressor já estava presente na vinheta anteriormente relatada, quando me pediu para que a liberasse das demais sessões. Temos reunido e procurado sustentar em um *holding* real interno e externo, migrando e imigrando pelos estados primitivos da mente humana, que lhe permite sair do “ai, ai, ai” contido na epígrafe deste trabalho e ir para o “e aí...” que anuncia possibilidades de movimento e de busca.

A “cura” da incompletude Portinari colocou em tela. Eu coloco, em palavras associativas sonhantes, a busca da cura como cuidado, com base na esperança realista, no próprio limite da liberdade e na resiliência que é do ser humano vivo que vai além do simplesmente viver.



REFERÊNCIAS

- Barbery, M. (2008). *A elegância do ouriço*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Breen, D. (1996). Phallus, pênis e espaço mental. In *Livro anual de psicanálise* (Tomo XII), 99-106.
- Cunha, A. (1986). *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (2ªed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferenczi. (2011). Thalassa. In _____. *Obras completas* (Vol. III). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924).
- Klein, M. (2006). *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957).
- Ogden, T. (2013). *Reverie e interpretação. Captando algo humano*. São Paulo: Escuta.
- Sicuteri, R. (1986). *Lilith. A lua negra* (2ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.

RESUMO | SUMMARY

“Os retirantes” de Cândido Portinari: o esforço para ser humano é o que nos torna vivos A partir da tela de Cândido Portinari, “Os retirantes”, fazemos uma analogia segundo a qual todos nós somos retirantes, após a cesura do nascimento, quando pisamos nesta terra pós-mundo uterino e que somos eternos imigrantes em busca da terra prometida. Propomos que Portinari agrupa a família em um *holding* físico, para nos dar a dimensão do emocional em curso e para acolher a dor dos retirantes, reunindo-os em um lugar para os tornar inteiros. Com uma vinheta clínica e através da letra de uma música, transitamos sobre a capacidade da *cura*, como “cuidado” para pensarmos a estrutura que permite separação e ligação entre objetos internos e externo em vez de fusão ou fragmentação.

| *Candido Portinari's "The withdrawals": the effort to be human is what makes us alive. From Candido Portinari's screen, "The Retirement", we draw an analogy where we are all retreating after the birth cesura, when we step into this post-uterine land and that we are eternal immigrants in search of the promised land. We propose that Portinari groups the family into a physical holding, to give us the dimension of the ongoing emotional and to welcome the pain of the withdrawals, bringing them together in one place to make them a whole. With a clinical vignette and through the lyrics of a song, we move over the ability of healing, as "careful" to think of the structure that allows separation and attachment between internal and external objects rather than fusion or fragmentation.*

Imigrante. Cura. Holding. Fragmentação. | Immigrant. Cure. Holding. Fragmentation.

PALAVRAS-CHAVE | KEYWORDS

CLEUZA MARA LOURENÇO PERRINI

Rua da Paz, 195/211
80060-160 – Curitiba-PR
tel.: 41 3336.0201
cleuzaperrini@gmail.com

RECEBIDO 14.05.2019
ACEITO 06.07.2019